

GRUPOS OPERATIVOS COM USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: TEORIA E PRÁTICA, VIVÊNCIA DE UM ESTAGIÁRIO

LOURO, Thiago Henrique Pereira Marques.¹
LOPES, Silvana.²

RESUMO

O presente trabalho é um ensaio bibliográfico que tem como problemática confrontar se os dados bibliográficos sobre a atualidade dos Grupos Operativos (GO) aplicados aos usuários de álcool e outras drogas se relacionam na realidade e práticas de estágios. Foram estabelecidos os seguintes objetivos: descrever sobre Grupos e Grupos Operativos; Explicar brevemente sobre dependência de substâncias; comparar as informações encontradas sobre a atualidade do GO e dependência de substâncias na prática do estágio numa instituição de tratamento de usuários de álcool e outras drogas. Para isso realizou-se um levantamento bibliográfico nas seguintes plataformas: PePSIC, SciELO e Google Acadêmico, utilizou-se os descritivos “grupo operativo”, “drogas” e “dependência química”. Na sequência, foi comparado as análises teóricas com as vivências e experiências dos autores no campo de Estágio Supervisionado em Práticas Grupais.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo Operativo, Dependência de substâncias, Vivência de estágio, Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

A necessidade de fazer parte de um grupo já se distingue no início da vida, o bebê já nasce demandante, necessita de outros seres para o seu desenvolvimento. Zimmerman e Osorio *et al* (1997), afirmam que somos seres gregários e existimos, além de subsistir em função dos nossos inter-relacionamentos, com um grupo. Em um constante movimento dialético buscando a diferenciação, mas também, a inclusão nesses grupos, concomitante a isso, a procurar pela identidade individual, grupal e social.

Subentendido essa relevância dos grupos, pode surgir o questionamento: mas e a vida interna e privada dos indivíduos? Neste questionamento, Pichon-Rivière (2005) vem ao nosso auxílio, pois explica que devemos considerar como uma interação entre objetos internos, ou um grupo interno, em constante troca dialética com os objetos do mundo exterior. Dessa forma, uma maior compreensão dos grupos e seus fenômenos pode proporcionar uma maior compreensão das relações existentes, dos papéis representados e dos indivíduos presentes nesses grupos ou agrupamentos.

Sob essa linha temática, os grupos, suas trocas e relações, estão presentes na construção social e histórica do homem e da humanidade. E durante boa parte desse “caminho” o homem se relacionou

¹Aluno do curso de graduação em Psicologia, Centro Universitário FAG. 7º período. E-mail: thiagolouromarques@gmail.com

²Professora Orientadora de Psicologia, Centro Universitário FA. E-mail: profsil07@fag.edu.br

com o mundo exterior, entre as diversas relações, é relevante para este trabalho trazer sobre a relação com algumas substâncias psicoativas. Ao contrário do que se pode imaginar, segundo Pratta e Santos (2009), não se trata de um fenômeno recente, e sim, de um processo histórico e milenar, que foi estudado e observado em diferentes épocas e culturas, isto significa, a história humana ou história do consumo-dependência de substâncias, se confundem.

Diante do exposto, e percebendo a relevância da demanda da dependência de álcool e drogas, este trabalho apresenta como objetivo compreender melhor a atualidade, e investigar na prática os grupos operativos no contexto álcool e drogas. Com esse fim, efetuou-se um ensaio bibliográfico e buscou-se realizar um levantamento do referencial teórico publicado sobre a temática, procurando formar uma síntese acerca de resultados e discussões englobando o assunto.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Somos ainda hoje confrontados com um estereótipo que vem sendo desconstruído, mas que ainda é presente, o da figura do psicólogo clínico, com atendimento individual e o enfoque a dois. Diante disso, podemos inicialmente nos questionar, qual é o papel do psicólogo nos grupos? Para antes entendermos melhor esse papel e a sua importância, é vantajoso conceituarmos a palavra grupo, é relevante salientar que a palavra grupo pode trazer diversos significados e conotações. Zimerman e Osorio *et al* (1997) comentam em sua obra sobre isso, inicialmente definem a palavra grupo como um conjunto de três ou mais pessoas, para na sequência aprofundar o conceito.

Para Zimerman e Osorio *et al* (1997) os grupos inicialmente podem ser separados em grandes grupos e pequenos grupos, o trabalho desenvolvido no campo de estágio possui um enfoque nestes pequenos grupos. Ampliando o foco nesses microgrupos, nos deparamos com as distinções de grupo propriamente dito e agrupamento. O agrupamento é um conjunto de pessoas que partilham o mesmo espaço e um nível de valência de inter-relacionamento, podemos entender também, como um conjunto de pessoas com “interesses comuns”. Já o grupo propriamente dito é o conjunto de pessoas com um ‘interesse em comum’, não é apenas o somatório dos indivíduos que o compõem, e sim, uma nova entidade, indivíduos reunidos com um objetivo em comum. Os microgrupos podem ser separados em grupos terapêuticos, e grupos operativos, na sequência iremos discorrer mais sobre os operativos.

2.1 GRUPOS OPERATIVOS

O conceito de grupo operativo surgiu através dos estudos do psiquiatra argentino Enrique Pichon-Rivière (2005), para o autor um ajuntamento de pessoas, está sempre interligada por constantes de tempo e espaço, com mútua representação interna que se propõe explicitamente ou implicitamente a uma tarefa com uma mesma finalidade (interesse comum), constituem uma situação grupal a partir de sua estrutura, função, coesão e finalidade, tem seu modelo natural baseado na família ou grupo familiar. “A técnica desses grupos está centrada na tarefa, na qual teoria e prática se resolvem numa práxis permanente e concreta no ‘aqui e agora’ de cada campo assinalado.” (p.136, 2005). Segundo Pichon-Rivière um dos diferenciais do GO é não estar centrado no indivíduo, nem no grupo como um conjunto total, e sim, centrado na relação dos indivíduos com a tarefa proposta. O GO pode abranger os campos comunitários, institucionais, terapêuticos e do ensino-aprendizagem.

Sobre os GO, Zimmerman e Osorio *et al* (1997) salientam e enfatizam que o coordenador deve sempre estar focado unicamente na tarefa proposta, estar sempre atento aos obstáculos que podem surgir no grupo. No processo grupal, Rivière (2005) no traz um processo de aprendizagem pelo que denominou de espiral dialética, imaginemos um cone invertido em um movimento permanente de indagação e esclarecimento, que simula essas idas e vindas entre a vontade de mudar e aprender e os medos básicos e ansiedades que geram a resistência no processo de aprendizagem ativa, para Rivière “analisar é tornar explícito o implícito” (2005, p. 70).

2.2 DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) o uso abusivo de drogas é considerado uma doença de caráter crônico e recorrente, e diante do cenário pandêmico vivido nos últimos 2 anos houve um aumento no consumo de algumas drogas pelo mundo. Segundo o Relatório Mundial sobre Drogas 2021 da United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC), inicialmente, com as medidas para conter a circulação do COVID-19, geraram uma baixa no mercado, transporte e demanda de drogas, mas que logo houve uma adaptação e o mercado ilícito de drogas encontrou formas de retornar. Conjuntamente a isso, o relatório explana que muitas substâncias estão associadas a determinadas aglomerações sociais, dessa forma, devido à redução de contato social e eventos, algumas substâncias tiveram um decréscimo de uso (LSD, MDMA, cocaína), enquanto isso, outras substâncias tiveram um aumento no consumo, tais como maconha, sedativos e outros medicamentos de uso farmacêutico.

Segundo Simões e Stipp apud Cassol *et al* (2011) a dependência química é descrita pelo conjunto de sintomas fisiológicos, psicológicos, cognitivos e comportamentais que sinalizam perda do controle sobre o uso da substância psicoativa e uso continuado da substância, apesar da presença de problemas significativos relacionados à droga. Por se tratar de uma doença multifatorial, o tratamento também deve ser multidisciplinar, buscando a desintoxicação, criação e fortalecimento de hábitos que propiciem uma melhor qualidade de vida, além, do desenvolvimento de habilidades intersociais, pessoais e psicoeducativas.

Diante disso, a tecnologia do GO pode auxiliar e se mostrar uma importante ferramenta para auxiliar no tratamento e no processo de recuperação da dependência química. Nos estudos de Cassol *et al* (2011), foram analisados entre outras coisas a percepção dos participantes de um GO de ensino-aprendizagem, voltado para usuários de álcool e outras drogas – realidade que possui estreita relação com a experienciada no campo de estágio pelo autor deste trabalho. Os referenciais teóricos trazem sobre a função continente que o grupo exerceu nos participantes, que identificavam o grupo como um “apoio”, uma das principais tarefas desse GO seria o alcance e manutenção da abstinência das substâncias. Yaloon (2007) levanta a questão, “a terapia de grupo ajuda os pacientes?” e a resposta que segue “de fato ajuda”, mas são vários os fatores e manejos que podem levar a uma eficácia ou não dessa ferramenta. O autor, pondera que a terapia de grupo não se baseia apenas nos efeitos gerais das expectativas sobre a melhora, mas busca benefícios nesse grupo, que por seu formato, já oferece uma esperança, sendo assim o sentimento de pertencimento ao GO é um dos comportamentos esperados para que haja a coesão grupal e assim possa fazer uso das intervenções apropriadas.

3. METODOLOGIA

Neste trabalho, inicialmente buscou-se efetuar um levantamento bibliográfico, o qual tinha o objetivo de fornecer uma compreensão sobre a atualidade dentro da temática, para, na sequência, contrastar com as experiências vividas no campo de estágio. Utilizou-se consulta às seguintes bases de dados: SciELO (Scientific Electronic Library Online), Pepsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e Google Scholar. A busca ocorreu conforme 3 descritores, sendo eles: grupos operativos; grupos operativos com usuários de álcool e drogas; e dependência química. Identificou-se dois trabalhos abordando a temática, um estudo de Cassol *et al* (2012) e Lucchese *et al* (2013).

O campo no qual o autor experienciou, trata-se de uma instituição particular de natureza psiquiátrica, no qual está há mais de oito meses como estagiário. A instituição busca a recuperação e

ressocialização de pacientes adictos de substâncias como álcool e drogas, bem como o tratamento de transtornos de natureza emocional.

O público contou com apenas uma pessoa, por se tratar de uma pesquisa com intuito de analisar e descrever fenômenos a partir do ponto de vista subjetivo do participante, não sendo necessário uma amostra probabilística passível de generalizações. Além disso, utilizou-se um questionamento norteador na construção do referido trabalho: As contribuições dos grupos operativos como tecnologia para o trabalho com usuários de álcool e outras drogas presentes na bibliografia foram visualizadas na práxis do estágio?

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

No campo de estágio inicialmente ocorre uma ambientação com a realidade da instituição, para em seguida se iniciar um processo de levantamento de demandas e criação de vínculo. A principal função dos estagiários é aplicação de GO junto aos pacientes, outro ponto que é válido salientar é sobre a alta rotatividade da instituição, essa é uma característica que traz mais sentido, na percepção da instituição e ao GO como ferramenta, já que a tarefa operativa proposta sempre é iniciada e finalizada no próprio grupo.

Diante do atual cenário trazido pelo COVID-19, somado ao medo, sofrimento, dúvidas, luto e isolamento social, parece ter influenciado no consumo de algumas substâncias, entramos em um período extremamente sensível, e que irá gerar repercussões que iremos perceber e sentir durante alguns anos. A dependência química, sendo uma questão que permeia e toca diversas dimensões da vida, é entendida como uma doença biopsicossocial – pois esbarra em aspectos sociais, políticos, econômicos, além de outros (PRATTA; SANTOS, 2009). Portanto, o tratamento requer diferentes profissionais, ferramentas e tecnologias disponíveis, e aqui o GO pode contribuir enormemente, juntamente com diversas outras ferramentas. Dois pontos que devem sempre estar no campo atencional dos profissionais que trabalham com dependentes de álcool e outras drogas: 1. a baixa adesão – vivenciada na prática do estágio e observada por Fernandes *et al* (2017, apud Ferreira e Vieira, 2020, p.78); e 2. a falta de motivação, movimentos que vemos principalmente no começo do tratamento e internação na instituição. No entanto, com a evolução do tratamento percebe-se uma melhora em vários casos quanto aos dois pontos citados, com isso em mente, busca-se na práxis abordar temáticas que podem auxiliar no tratamento, por exemplo: aceitação e compromisso,

resistência a mudanças, além de outros temas envolvendo a saúde mental, com o objetivo, de fomentar um papel mais ativo no tratamento e gerar uma maior autonomia diante das situações experienciadas.

Outro fator importante, é a construção de habilidades e competências que auxiliem na manutenção do tratamento, salientando os ganhos e evitando quem sabe possíveis recaídas. Estudos apontam um alto índice de recaídas, independente da modalidade e do número de tratamentos, um fator que pode auxiliar a diminuir esse índice é o trabalho e construção da motivação (SOUZA *et al*, 2013).

Diante do exposto, é de extrema importância tentar identificar a adesão, para assim adaptar as táticas, estratégias e tarefas do GO visando a construção de um vínculo e significado, e um maior engajamento ao programa de tratamento. Já que, as resistências que se surgem no GO movimentam medos básicos e ansiedades e na práxis do grupo, podemos visualizar esses movimentos na interação dos integrantes e deles com a tarefa proposta, se explícita o implícito, isso pode ocorrer de forma mais direta, nas partilhas das dificuldades por um porta-voz, e de formas indiretas, além de, outros diversos movimentos que ocorrem no GO (PICHON-RIVIERE, 2005). Ser capaz de perceber a teoria e prática se relacionando é de extrema importância no processo de ensino-aprendizagem.

Levando em consideração as pesquisas analisadas e discutidas até o momento, clarifica o papel dos GO e o seu crescimento, pois vem ancorar e auxiliar como uma tecnologia de grande valor. Devido à alta rotatividade, muitas vezes os pacientes passam rapidamente por apenas alguns grupos, podendo assim aproveitar os temas e conteúdos abordados no GO, ou pelo menos, serem acolhidos e encontrarem outras pessoas em situações similares, esse vínculo mesmo que de curto prazo parece auxiliar algumas pessoas.

Em diversos momentos distintos nos grupos surgiram falas dos participantes salientando a sua percepção da função continente do GO, condizente com os estudos efetuados por Cassol *et al* (2012), como o grupo era um “apoio” no processo de manutenção da abstinência e do tratamento, não só isso, pelos relatos dos participantes, surge uma importância ao visualizar pessoas em situações similares, mas em diferentes estágios do tratamento. A diferença entre alguém que acabou de iniciar o tratamento versus outro participante que está mais adiantado, parece proporcionar um “apoio”, quem sabe até um vislumbre de um possível cenário futuro – uma versão de si com mais ferramentas para lidar com a abstinência e as diversas facetas pessoais e sociais que surgem no processo de desintoxicação, e até um possível retorno à família e sociedade mais preparado e munido com novas habilidades. Conforme salientado por Nascimento e Galindo (2017, p. 426), “os grupos operativos promovem mudanças na compreensão e percepção dos usuários referentes aos seus problemas de

saúde, colaborando para a construção coletiva e ativa das soluções”, essa construção e reforço da pessoa num papel mais ativo contribui para a uma maior autonomia do sujeito e uma postura mais crítica diante da vida e das substâncias.

Dessa forma, isso tudo vem cimentar ainda mais a importância da Psicologia e do profissional da área, seja no atendimento pessoal e clínico, seja em atividades com grupos. Não apenas isso, o trabalho efetuado no campo de estágio serve também para enriquecer a experiência acadêmica, procurando construir pessoas e futuros profissionais mais preparados e engajados, pois, a experiência direta calcada na teoria e conhecimentos científicos alavanca e nos permite atingir patamares que usualmente seriam de extrema dificuldade, além de auxiliar no processo de fixação e interiorização dos diversos aprendizados, o estágio em si vem ao encontro de destruir, ou melhor, desconstruir, para no decorrer do processo reconstruir novos saberes e novas realidades, uma quebra ou mesmo uma ampliação dos paradigmas de todos os agentes envolvidos nesse processo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, percebeu-se uma estreita relação da construção acadêmica e científica do tema com a realidade vivida no campo de estágio. Diversos pontos de conexão ocorrem no transcorrer da vivência, proporcionando uma maior solidez na prática, por percebermos que os esforços estão coerentes com a atualidade do assunto. Outro ponto, foi o número reduzido de estudos e pesquisas utilizando GO voltados para usuários de álcool e outras drogas, principalmente com um enfoque da Psicologia. Apesar da importância da temática, parece existir ainda muito espaço para contribuições e a execução de pesquisas com um recorte maior e dados mais aprofundados.

Este trabalho não tem o intuito de seguir nessa direção, no entanto, espera-se que fomenta a abertura de novos caminhos dentro do tema. Buscando avaliar a eficácia dos grupos operativos tanto na realidade desse texto, como também, nas diversas outras existentes e que poderiam se auxiliar com essa ferramenta. Essa construção e análise veio reforçar a percepção, na prática, da importância e da eficácia dos grupos operativos, mas também surgiu o questionamento: como podemos melhorar e evoluir teórica e cientificamente o trabalho com grupos junto a usuários de álcool e outras drogas?

REFERÊNCIAS

CASSOL, P. B.; TERRA, M. G.; MOSTARDEIRO, S. C. T. de S.; GONÇALVES, M. de O.; PINHEIRO, Ursula Maria Stockmann. Tratamento em um grupo operativo em saúde: percepção dos usuários de álcool e outras drogas. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 1, n. 33, p. 132-138, mar. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/kngWSXwxt9RZPWPJPKDyq3g/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 16 out. 2022.

FERREIRA, C. H. I.; VIEIRA, K. S. de A. **A adesão ao tratamento de substâncias psicoativas sob o olhar dos pacientes do hospital universitário de Brasília.** Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianópolis, v. 12, n. 33, p. 75-104, out. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/DELL/Downloads/75158-Texto%20do%20Artigo-286409-1-10-20201221.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.

LUCCHESI, R.; VARGAS, L. S.; TEODORO, W. R.; SANTANA, L. K. B.; SANTANA, F. R. **A Tecnologia de Grupo Operativo aplicada num programa de controle do tabagismo.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, v. 22, n. 4, p. 918-926, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Crfrtz8YqdfmmWpMk5VB89L/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2022.

NASCIMENTO, T. M. do; GALINDO, W. C. M. **Grupo Operativo em Centros de Atenção Psicossocial na opinião de psicólogas.** Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João del Rei, v. 2, n. 12, p. 422-438, ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2022.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos S. **O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 25, n. 2, p. 203-211, jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/fvMV4H47vTXFg9GxxXS4dtb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2022.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOUSA, P. F. et al. Dependentes químicos em tratamento: um estudo sobre motivação para a mudança. *Temas em Psicologia*, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 259-268, jun. 2013. Associação Brasileira de Psicologia. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2013.1-18>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751531018.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). **Relatório Mundial sobre Drogas 2021**. 2021. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/wdr2021.html>. Acesso em: 03 jul. 2022.

YALOM, I. D.; LESZCZ, M. **Psicoterapia de grupo: teoria e prática**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZIMERMAN, D. E.; OSORIO, L. Z. *et al.* **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.